

Marlene Mariotto Gaspar
Mestranda em Educação - Universidade Estadual de Londrina

Elsa Maria Pessoa Mendes Pullin
PROF^a.DRA. - Mestrado em Educação - Universidade Estadual de Londrina

LEITURA LITERÁRIA EM UM CONTEXTO DE ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA DO TRABALHADOR DENTRO DE INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO

A formação de leitores em contextos de escolarização básica em ambientes de trabalho vem sendo pouco investigada. A experiência da condução de um projeto de leitura literária, desenvolvido junto a alunos-trabalhadores de seis indústrias de transformação de uma cidade porte médio, do norte do Paraná é apresentado. Os alunos-participantes encontravam-se matriculados na segunda fase do ensino fundamental, (n=80) e no ensino médio (n=130). São descritos os procedimentos utilizados para a inclusão desse gênero de suporte para leitura em cada um desses universos. Os instrumentos para obtenção das informações foram um questionário e os registros das retiradas do acervo. Os resultados indicam um aumento na prática de leitura, bem como no valor atribuído à leitura, entre os participantes. Sugestões decorrentes dessa experiência são apontadas.

Palavras-chave: Formação de Leitores; Práticas de Leitura; Educação de Jovens e Adultos.

A educação de jovens e adultos em diferentes espaços educativos pode trazer contribuições relevantes no âmbito sócio-educacional, tanto para as empresas como sociedade em geral. Além disso, a educação de jovens e adultos no trabalho traz consigo uma dimensão de caráter ético, além de proporcionar evolução crescente do ponto de vista do ser e das mudanças do setor produtivo e social.

Os trabalhadores são indivíduos com saberes construídos ao longo da vida na comunidade e dentro da atividade laboral, que não tiveram oportunidade de concluir a educação básica em idade própria por motivos diversos. Demanda importante neste processo é a construção do conhecimento tendo como premissa a diversidade. Viabilizando uma educação com características próprias para o trabalhador, para o jovem e adulto, levando em conta as demandas do setor produtivo, da sociedade e formação cidadã.

É sabido das transformações no mundo, a globalização, a complexidade da sociedade pós-industrial e as conseqüências para as relações sociais.

Transformações que produzem conseqüências para o adulto em seu entorno social, nas relações, no seu trabalho, onde o fator econômico exerce um papel preponderante.

Toda essa efervescência de acontecimentos, ebulição de idéias e metamorfose social ressoa sobre a visão de mundo do adulto/trabalhador, o sentido que atribui ao trabalho, à educação, à vida.

A educação do trabalhador, por meio da Educação Básica visa, além de elevar nível de escolaridade dos trabalhadores, também espaço de discussão fundamentada sobre os problemas da atualidade, interpretando-os, analisando tendo como início a prática socializada, problematizada, estudada com base em saberes construídos ao longo da trajetória humana e possibilidades de transformações.

A educação de jovens e adultos, por meio da educação do trabalhador é uma alternativa importante para atender as exigências sociais, pedagógicas e culturais do setor produtivo, da sociedade e grande potencializadora do fortalecimento da capacidade dos alunos em lidar com as transformações.

A educação do jovem e adulto/trabalhador em seu local de trabalho, contemplando espaço e tempo adequados ao alunado, contribui para a elevação da escolaridade do trabalhador, para que esse sujeito possa compreender melhor o mundo em que vive, desempenhando seu papel no meio social e no mercado de trabalho. Nesse contexto a leitura aparece como um elemento formador por excelência, contribuindo para o pensamento autônomo, criativo, dinâmico, interpretativo, possibilitador de novas leituras de mundo.

A leitura como trabalho do intelecto, da sensibilidade, advindo o prazer em ler dessa construção dos sentidos, da descoberta, um leitor capaz de ler o mundo, compreendê-lo de maneira crítica. Um leitor capaz de ler um texto/livro e encontrar sentido.

É recompensador desacomodar pessoas ao mostrar o quanto a literatura pode e integra a vida diária, ajuda a compreender o mundo, a existência e o ser humano, criando espaços para navegações interiores e inquéritos sobre o exterior. (COSTA, 2006, p.28)

Dentro desta modalidade de educação e deste contexto encontra-se o projeto de leitura literária – Projeto SESI Com os Livros nas Mãos, colocando a disposição dos trabalhadores, dentro da sala/escola, dentro da empresa, cinquenta títulos de livros de literatura, os quais foram indicados pela consultora que assessora o projeto, doutora na área de letras.

As informações, que abrangem este texto referem-se ao ano de 2006, em 06 empresas, indústrias de transformação, de uma cidade porte médio, norte do Paraná, 210 alunos, sendo 80 do Ensino Fundamental – Fase II e 130 do Ensino Médio. Idade entre 18 a 55 anos. A maioria do sexo masculino, com um percentual de 20% do sexo feminino.

Os instrumentos utilizados foram: questionários aos trabalhadores sobre o significado da leitura para eles, observação em sala de aula, registrando relatos de alunos e professores e acompanhamento das leituras através das carteirinhas do aluno.

O presente texto pretende desenvolver estudo fundamentado sobre o processo de formação do leitor literário/trabalhador em ambiente de escolarização dentro da empresa, por meio do projeto de leitura implantado na indústria agregado à Educação do Trabalhador. Verificar as contribuições do projeto de leitura para a formação do leitor literário e analisar os livros mais lidos.

Importante no processo de construção do leitor o desenvolvimento do senso crítico, o poder de argumentação e a criatividade, por meio de reflexão e da capacidade de saber ler o mundo e representar as idéias que tem a respeito dele através da escrita.

Parece impossível tecer conjecturas sobre a formação de bons leitores sem

adentrar na discussão da importância da leitura num mundo de tão complexas relações sociais como no qual hoje vivemos.

Educação de Jovens e Adultos/Trabalhadores e Leitura Literária

A Educação de Adultos no Brasil teve como primeira atitude oficial o decreto de Leônicio de Carvalho em 1879, com a instituição de cursos noturnos para adultos analfabetos, cursos estes realizados em escolas públicas de instrução primária no “município da Corte”. Importante salientar que nesta época 79% da população era analfabeta em decorrência de vários fatores históricos, os quais não serão abordados neste trabalho, porém faz-se mister a reflexão dos fatos históricos em nível mundial e nacional sobre a educação de jovens e adultos, para melhor compreensão do processo da educação do trabalhador. O conceito de Educação de Adultos passou por vários entendimentos, derivando ações, por vezes discriminatórias.

No Brasil antes do século XX ocorreram poucas iniciativas voltadas à Educação de Adultos, as que houveram foram pouco significativas, com um cunho preconceituoso e de pouco resultado.

Segundo Moura, Ribeiro e Vóvio (2001) em 1942 foi instituído o Fundo Nacional do Ensino Primário, o qual deveria realizar um programa progressivo de ampliação da educação primária que incluísse o ensino supletivo para adolescentes e adultos. Em 1947 foi instalado o Serviço de Educação de Adultos (SEA) como serviço especial do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde, este com a finalidade de reorientação e coordenação geral dos planos anuais do Ensino Supletivo para adolescentes e adultos analfabetos. Em 1947 é lançada a primeira campanha Nacional de massa de Educação de Adultos e Adolescentes, prevendo uma alfabetização em três meses e a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses, seguida de uma etapa de ação em profundidade.

Da Campanha nasceu um campo teórico pedagógico voltado para a discussão do analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. Segundo Ribeiro (2001) neste momento histórico o analfabetismo era considerado como causa e não efeito da situação econômica, legitimando uma visão de analfabeto como incapaz, marginal, identificado psicologicamente e socialmente com a criança. Durante a própria campanha essa visão se modifica, reconhecendo o adulto analfabeto como um ser produtivo, capaz de raciocinar e resolver seus problemas.

Anos de efervescência política, de idéias, o final dos anos 50 e início da década de 60, foi marcado, na educação de adultos, pelas idéias de Paulo Freire.

A educação de adultos passa a ser vista como meio de conscientização e mobilização de grupos sociais excluídos, como instrumento de afirmação e desenvolvimento da cultura popular.

Todas as iniciativas de alfabetização de adultos com base no sistema de Paulo Freire ou qualquer outra iniciativa de movimento popular foi reprimida, extinta

pós 1964, nos governos militares, os quais tomaram o poder, por meio de um golpe militar.

Em 1967 foi criado o MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, visando ocupar o lugar deixado pelos movimentos sociais.

O MOBRAL era uma organização autônoma, que relacionava diretamente com as comissões municipais, responsáveis pela execução das atividades planejadas centralizadamente.

O MOBRAL foi extinto em 1985, já desacreditado tanto política, quando educacionalmente, foi substituído pela Fundação Educar, não tão centralizadora.

Com o fim da ditadura militar, o país entra em um processo de redemocratização, culminando com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Esta Constituição garante, pela primeira vez, o direito ao ensino fundamental gratuito, inclusive aos que não tiveram acesso na idade própria, incluindo, jovens e adultos. Porém aos atos que se seguem não vê-se garantido este direito, pois a EJA não foi inclusa nos recursos no FUNDEF, devido ao veto presidencial. A própria LDB 9394/96 deixa lacuna, com dois artigos para EJA e um deles referenciando somente os Exames.

Atualmente assiste-se a mais uma campanha “Brasil Alfabetizado” e muitas ações da sociedade civil para com a Educação de Jovens e Adultos. E a dados desconcertantes sobre a educação, neste caso especificando a situação educacional do trabalhador.

De acordo com informações extraídas da RAIS/2003 (Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego), a região sul tem a segunda maior concentração de trabalhadores formais na Indústria de Transformação.

Em nível nacional 52% dos trabalhadores formais não possuem educação básica: 1% de analfabetos (288.322), 26% fundamental incompleto (7.666.953), 8,7% médio incompleto (2.561.117).

No Paraná, a instrução do trabalhador caracterizado como formal, encontra-se da seguinte forma: analfabetos – 10.789, fundamental incompleto – 479.161, médio incompleto – 203.641, somando todos os níveis ter-se-á 1.013.722 sem a conclusão da educação básica.

Nesse contexto, a elevação da escolaridade coloca-se como essencial à formação do trabalhador para a inserção competitiva do Brasil no mundo globalizado.

O jovem e adulto que volta a estudar é, quase sempre, alguém que alimentou por muitos anos o desejo de voltar à escola.

Compreender o perfil do educando da EJA (Educação de Jovens e Adultos) requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais, econômicos, políticos e/ou culturais.

Os jovens e adultos que procuram a EJA tem a necessidade da escolarização formal, seja pelas necessidades pessoais, seja pelas exigências do mundo do trabalho. A dinâmica desenvolvida nesta modalidade de ensino deve possibilitar a

flexibilidade de horários e a organização do tempo escolar destes educandos, viabilizando a conclusão dos seus estudos.

Uma questão intrigante e sempre latente, o espaço escolar continua sendo um espaço privilegiado para formação de leitores? Está contribuindo para esta tarefa e também para a leitura literária? Já que esta é um modo de leitura que leva o leitor a aprofundar suas competências, a ler nas entrelinhas, a atribuir novos sentidos para o texto, a conhecer novos sistemas de referência do mundo, a perceber-se como sujeito capaz de transformar a realidade, participando dela de forma mais crítica.

Assim, podemos entender leitor, mais que destinatário dos enunciados produzidos por alguém, é a outra face que recupera o autor para com ele dialogar em circunstâncias sempre singulares, uma vez que nunca são as mesmas situações comunicativas, e o leitor está acrescentando e alargando seus processos de compreensão do mundo. (BELMIRO, 2003, p.122)

Para tarefa tão grandiosa faz-se mister um projeto educacional que seja destinado a preparar os sujeitos para o exercício competente da cidadania e a leitura da literatura pode contribuir para a efetivação dessa tão grande meta.

Muito se tem discutido sobre a importância da leitura na escola e em outras instituições educativas, além das produções científicas sobre o assunto, refletindo a preocupação de educadores, lingüistas e toda sociedade letrada.

A leitura polissêmica dos textos de literatura pode conferir aos que sabem ler e escrever para além do domínio de escritura, contribuindo, desta maneira, para a compreensão do sujeito sobre o mundo e seu jeito de estar no mundo, pois:

(...) uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2006, p.11)

Leitura é fundamental na vida de qualquer pessoa. É na leitura que nos aperfeiçoamos e enriquecemos melhor o nosso vocabulário adquirindo mais conhecimento, falar palavras corretas nas horas certas. Para mim tem sido de grande valia os livros que já li e os que estou acabando de ler, serve para tirar lições de vida.(...) (I. P. aluna – Ensino Médio – Empresa)

Além da formação dita escolar, é sabido que o leitor vai se formando, em interação constante com o universo natural, cultural e social em que vive exigindo uma relação constante do leitor com o objeto a ser lido e a leitura de mundo, num processo interinfluenciante, em um movimento dialético de aprendizagem, transformação e mudança, privilegiando o diálogo com o texto, com os seres e com o mundo, permitindo a produção de sentidos, crítica, criação, inventividade, ousadia.

O reconhecimento da dimensão política da leitura obriga reconhecer que através dela pode-se tanto reproduzir a ideologia dominante, que nas

sociedades classistas implica a submissão dos trabalhadores aos interesses do capital, quanto elaborar e reelaborar um conhecimento de mundo que permita ao sujeito, enquanto ser social, a crítica da própria sociedade em que, está inserido, bem como da sua própria condição de existência. (BRITO, 2003, p. 89)

Ser leitor, é ir além da alfabetização, para tanto faz-se necessário relação freqüente com sistemas de referência autorizados pelo discurso da escrita. É a escola, ou outro espaço escolar tem o importante papel de proporcionar múltiplas formas de aproximação entre sujeitos e livros, com oferta de tipos de textos de diferentes linguagens, de atividades de leitura individual e coletiva.

A leitura tem sido uma das deficiências da sociedade brasileira, conforme atestam estatísticas sobre leitura, sobre a relação de livros lidos no decorrer de um ano e o número de habitantes do país. Segundo Costa (2006) a média de leitura de livro/ano é de 0,66% no Brasil, informação apoiada na CBL – Câmara Brasileira do Livro.

Para Gilberto Dimesntein, apoiado em pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 22%, pouco mais que um quinto da população, podem ser considerados, segundo os padrões internacionais, pertencentes a uma elite pensante e crítica. (COSTA, 2006, p.99)

A autora destaca que o capital humano desperdiçado beira ao genocídio mental, segregando, marginalizando, destruindo a vida cidadã. Ler para Costa (2006) é um ato complexo, que envolve capacidades mentais de atribuição de sentidos ao que se decodifica e de interpretação e compreensão:

(...) tornando o sujeito leitor apto a posicionar-se crítica e ideologicamente em relação aos textos, agregando necessariamente sentidos encontrados na sua história pessoal de leitura, como indivíduo singular.

(...) Conclui-se, portanto, que o ato de ler possibilita ao sujeito sua constituição como criador de sentidos, com marcas que incluem aspectos simultaneamente singulares e coletivos. (...) Capaz, portanto, de entender o que lê na superfície do texto e também, em suas entrelinhas. A formação do leitor pressupõe a capacidade de articular informações e sentidos, de inferir, de aplicá-los em outros contextos. (COSTA, 2006, p.100)

A leitura é hábito, gosto, prática, relação, exercício, instrumento, necessidade? Chartier ressalta que a leitura é uma prática criativa e inventiva e que a significação é construída a partir de vários fatores: a competência dos leitores, os modos de ler, os suportes em que os textos se apresentam. Tudo interfere e constitui a leitura.

A leitura literária supõe a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que tenha prazer e ler ao atribuir significações.

A literatura possibilita muitas leituras, dependendo da história de vida do leitor, de seus interesses, apreensões e assim por diante, o que se pode chamar de textos polissêmicos. A literatura também compreende textos polifônicos porque na voz do autor estão as vozes de outras pessoas, de outros autores, da sociedade, da

história. A literatura, então, demanda modos de leitura que levam o leitor a aprofundar suas competências.

(...) a literatura assumia por missão revelar a complexidade humana que se esconde sob as aparências da simplicidade. (...) A metáfora literária estabelece uma comunicação analógica entre realidades muito distantes e diferentes que permite dar intensidade afetiva à inteligibilidade que ela apresenta. (MORIN, 2002, p.91)

Com relação à literatura e escolarização, importante salientar que o estudo não deve ater-se somente a autores e obras, mas deve voltar-se para o papel de leitor, pois é através dele que os textos adquirem sentidos e com certeza não continuará o mesmo após a leitura.

Projeto de Leitura

O projeto de leitura – Com os Livros nas Mãos visa oportunizar aos alunos/trabalhadores o acesso aos livros literários, com o intuito de despertar o prazer pelo mundo literário. Oferecendo oportunidade de acesso e utilização de textos escritos em circulação no meio social.

O resultado esperado é que por meio da disponibilização de livros literários, estimulando o trabalhador, ele leia mais, correspondendo a este ato de ler a melhor compreensão da realidade, atribuindo sentidos, tendo a leitura como prática criativa e inventiva.

O projeto iniciou com capacitação aos pedagogos integrantes do Programa Educação do Trabalhador do SESI, com a consultora que assessora o Projeto, professora doutora. Na cidade pesquisada o projeto iniciou-se com reunião pedagógica com os professores das salas/escolas dentro das empresas, referentes às diversas disciplinas. Cada sala estava com um módulo/disciplina em andamento. Objetivando mobilizar os professores para trabalharem com os livros, capacitando-os de forma continuada. Professores atuantes com o projeto de leitura: 03 língua portuguesa, 02 ciências, 01 matemática, 03 língua inglesa, 01 biologia, 02 química.

Os livros foram adquiridos e doados para as empresas pelo SESI, entidade que organiza e assessora a Educação do Trabalhador dentre destas empresas, oportunizando o acesso de livros literários aos alunos envolvidos no programa.

O projeto baseia-se na doação de livros às empresas participantes do Programa SESI Educação do Trabalhador, que atendam a demanda de jovens e adultos trabalhadores, ficando na empresa (sala de aula) de forma a oportunizar o acesso à leitura.

Desta forma a proposta de, por meio do trabalho com o texto, a oportunidade de levar aos alunos, em sala de aula, uma biblioteca volante, sendo o professor mediador do processo.

(...) Os livros de literatura foram distribuídos aos alunos, em minha disciplina (Língua Portuguesa) de acordo com o interesse de cada um por determinado assunto. Primeiramente, eles só queriam os livros mais finos e

com ilustrações. À medida que eu intermediava suas escolhas, contando um pouquinho do assunto do texto ou mesmo sobre o autor, os livros começaram a ser disputados. (...) (F. A. B. E. Professora/Empresa)

(...) Os alunos estão satisfeitos com essa proposta, pois tem acesso a obras de grandes escritores da nossa literatura. Eles escolhem os livros de forma livre, sem interferência e cobrança do professor, que às vezes só faz um breve comentário sobre a obra deixando a critério deles a escolha. (...) (A. F. S. Professora/Empresa)

Não houve preocupação direta com avaliações após as leituras, a intenção era propiciar ao aluno a leitura. Pode-se observar que mesmo sem cobrança formal, os alunos apresentaram gosto em ler os livros, sendo possível visualizar por meio dos comentários sobre as obras, discussão, reflexão e fazendo interferências sobre a história lida. Trocas de informações e sugestões de nomes de livros aos colegas. E também por meio da análise dos registros de empréstimos de livros, textos produzidos, estes não como cobrança formal e sim como consequência das leituras.

Os alunos deram ritmo à leitura, obviamente uns leram mais outros menos, mas todos leram uma ou outra obra.

Alguns caminhos percorridos neste processo deram-se por meio da leitura, oralidade e produção textual, divisão unicamente didática, pois os caminhos entrecruzavam-se em vários momentos.

A leitura na sala de aula, na empresa – horário de almoço, lazer – em casa, sempre foi escolha do aluno/trabalhador, com a oferta do livre acesso aos livros. Rodas de leitura, com o intuito de desmistificar algumas leituras, como livros de maior espessura, de leitura mais complexa, sem gravuras. Resgate da história de leitura deste adulto trabalhador. Projetos articulados à disciplina, como debate em torno do livro *Amor de Capitu* de Fernando Sabino, possibilitando tanto encantamento que adentraram no obra de Machado de Assis.

“Quanto mais se lê, melhor nos expressamos. Aumenta conhecimento, melhora nossa escrita e a nossa fala.” (M. do P. S. Aluna/Empresa)

Na expressão oral houve um resgate dos “causos”, debates, encontros poéticos, mas o encaminhamento não é o mais relevante no processo, sendo a postura do professor e o reconhecimento da importância deste resgate da oralidade como eixo do trabalho com a leitura, ela é solidária, pois compartilha leituras, sentidos, interpretações, ao compartilhar leituras realizam paráfrases, resumos orais, o que implica estar disposto ao diálogo, à interlocução.

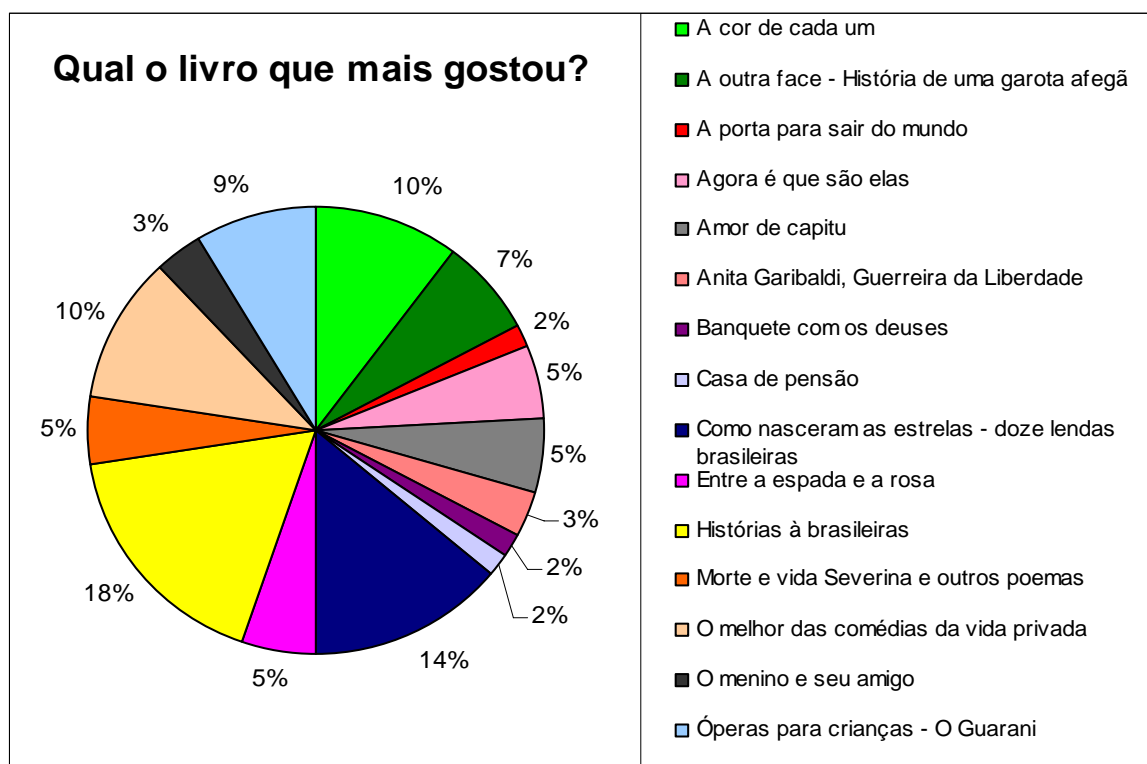
A produção textual foi consequência do ato de ler, indicando essas leituras por meio de cartas a colegas da empresa, de outras salas/escola em diferentes indústrias. Alguns encaminhamentos sugeridos pelos professores: finais diferentes para os livros lidos, reescrita de histórias alterando tempo e espaço, reportagens. Independente das produções escritas, o fato que os alunos leram e gostaram do que leram, manusearam livros, levaram para os filhos lerem, tiveram contato com o texto literário, ampliando o universo de conhecimento, seja intelectual, afetivo, social.

Resultado/Conclusão

É corrente que leitura como ato social, cultural não se esgota na educação formal, pode-se possibilitar por meio dela o acesso a leitura.

De acordo com o levantamento das carteirinhas de retirada de livros, houve um aumento da média de leitura, tendo como parâmetro a média nacional. Alcançou-se uma média em 2006 de 1,5 livros lidos, 90% dos alunos não haviam lido nenhum livro em 2005.

Os alunos consideram leitura como fonte de conhecimento/informação – 70%, 21% como forma de acesso à cultura, esta considerada como erudição, o que permitiria um aprofundamento nesta questão, não sendo objetivo deste trabalho, os demais itens referem-se à leitura para distração, prazer. Fica evidente o valor que o trabalhador atribui à leitura.



Os livros mais lidos apresentados na sequência foram: Histórias a Brasileira – em primeiro lugar; Como Nasceram as Estrelas - Doze Lendas Brasileiras, A Cor de Cada Um e O Melhor das Comédias da Vida Privada tiveram a mesma quantidade de acesso, em quarto lugar Óperas para Crianças - O Guarani e A Outra Face - História de uma Garota Afegã.

Dentre os seis livros, cinco são classificados em literatura infanto-juvenil e um como literatura brasileira – crônicas. A leitura de contos/lendas foi muito atrativa para

os alunos, sendo de fácil entendimento, fácil leitura e fantasiosa, os dois primeiros livros provocam, movimentam o imaginário, possui personagens do conhecimento dos alunos. Leituras que promoveram ludismo e vínculo com o afetivo muito evidente.

A *Cor de Cada Um* contém poesias, um dado importante foi o gosto demonstrado pelo aluno/trabalhador por poesias, merece um estudo mais aprofundado sobre este aspecto. O *Melhor das Comédias da Vida Privada* são histórias curtas e bem humoradas, gostaram muito e algumas histórias lembraram do seriado da TV.

O livro classificado como quarto lugar em leitura pelos alunos, era emprestado para levar aos filhos, porém acabavam gostando da leitura também.

O quinto lugar foi a partir da leitura de um aluno e comentários que fez em sala de aula sobre o mundo afegão, os professores também fizeram comentários sobre o livro, principalmente, porque muitos lecionam em mais de uma empresa.

Evidência de que a obra literária não é uma ferramenta e nem somente objeto de estudo da língua portuguesa, é leitura de mundo, de sentidos ecoados em vozes decorrentes de momentos históricos, sociais, culturais possibilitando a mobilização de sentimentos, sensibilidade, gosto. Dialogando com o autor, produzindo sentidos.

Referências

- BELMIRO, Célia Abicalil. *A leitura na educação de jovens e adultos*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRITO, Luiz Percival Leme. *Leitura e política*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.
- COSTA, Marta Moraes da. *Mapa do mundo: crônicas sobre leitura*. Belo Horizonte: Leitura, 2006.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2006, 48.ed..
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MOURA, Patrícia Mayra; RIBEIRO, Vera Masagão; VÓVIO, Cláudia Lemos. *Módulo Integrado I: fundamentos de educação de jovens e adultos*. Brasília: SESI, 2001.
- SESI. *Perfil do Trabalhador Formal Brasileiro*. 2ªed. Ampliada. Brasília: SESI/ DN, 2005.